

COMPUTADORES VERSUS ARENA...

Ninguém diria, mas parece que as estranhas e amedrontadoras teorias do Orwell em seu "1984" podem estar se materializando antes da hora. Pelo menos, no que se refere aos computadores, interferindo — diretamente — na vidinha e obro de alguns de nossos políticos. Ou, por que não dizer, de nossa própria política...

Foi com certa dose de euforia e um sentido vago de que estavam entrando num terreno até aqui reservado aos técnico-burócratas, que o Congresso Nacional inaugurou seu serviço de processamento de dados no ano passado. E não foram poucas as vezes a se levantarem em plenário, para afirmar alto e em bom som que, "finalmente, o Congresso estava entrando na era da informática..." Pois fez muito mais: pela primeira vez, desativados ou não, os políticos estão começando a sentir que as máquinas são frias, indiferentes, inapeláveis e — no caso — fardadas para alguns. E, não mais se diga. Explique-se.

"BANCO"

Acontece que alguns jornalistas, ou mesmo a mídia do Congresso, anelaram para o ultramoderno "Prodaton", espécie de central de computadores, que armazenou num banco de dados tudo ou quase tudo relativo ao funcionamento do Parlamento aos senhores deputados, aos senhores senadores: seus projetos, seus discursos, seus pronunciamentos, suas emendas, suas participações no plenário e nas comis-

sões técnicas. Chegou-se mesmo a solicitar subsídios às assembleias legislativas dos Estados, para que o mesmo assunto, debatido em âmbito provincial, tivesse comparação imediata com o mesmo item debatido em termos federais. E foi agora, "às vésperas das eleições, que o computador e sua central de informações, ou seu "banco de dados", pregou a primeira peça em alguns "pais da pátria" mais incautos que, inadvertidamente, procuraram resumir sua folha corrida nos cartões perfurados da máquina terrível.

"VÍTIMA"

A primeira "vítima", na realidade, foi a Arena, partido situacionista, que por sua própria posição de "partido do governo" sentiu-se na obrigação moral de se servir dos bons préstimos da máquina. Foram dirigidas a ela solicitações sobre o trabalho legislativo desenvolvido por alguns candidatos ao Senado em primeiro lugar e as respostas, longe de apresentarem comodidade ou mesmo "relax", provocaram verdadeiro pânico em algumas bancadas. Jamais se esperaria, no entanto, que uma providencial (para a oposição...) inconfidência colocasse certos jornalistas a par dos resultados. E o que se publicou e se vai publicar, coloca alguns postulantes arenistas em nítida desvantagem frente a seus colegas do MDB.

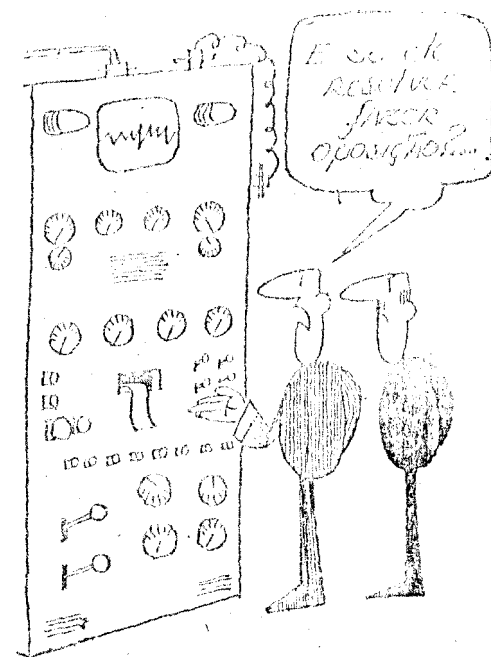
CLEOFAS

O caso mais flagrantemente visado, é o de Pernambuco, onde a luta já

se mostrava duríssima para o provento e siccado candidato da Arena ao Senado, o atual senador João Cleofas. A máquina infernal simplesmente respondeu que sua atuação no plenário ou nas comissões está reduzida a um mínimo possível. Nenhum projeto durante os últimos anos, nenhuma emenda, nenhum encaminhamento. A informação filtrada rapidamente, caiu como uma bomba nos escritórios eleitorais do futuro governador designado, o ex-ministro Moura Cavalcanti que — como Paulo Egídio aqui na província — terá a incumbência de eleger, e bem, João Cleofas. O detalhe de Pernambuco, que deixou a Arena local em maus lençóis, é que lá, o opositor é um dos mais brilhantes e "charmosos" deputados da nova geração, Marcos Freire. Quarenta anos, pinta de galã, palavra fácil e uma atuação realmente notada na Câmara Federal, Freire foi o mesmo que, no último seminário do MDB aqui em São Paulo, manteve um auditório de cerca de dois mil estudantes universitários, presos às cadeiras e atentos durante duas horas...

SIGILO?

Conhecido o primeiro "revés" imposto pelo computador do Congresso, algumas fontes da casa segredaram aos corretores que possivelmente os próximos extratos da máquina fiquem entre os interessados. O problema todo, agora, vai ser conseguir o sigilo já que, co-



mo serviço aberto aos parlamentares, logicamente poderá ser usado tanto pela situação como oposição. As próximas horas serão decisivas para alguns postulantes ao Senado. Caso se repita o episódio de Pernambuco, outros candidatos à reeleição ou mesmo novos indicados, poderão, de saída, enfrentar um "handicap" difícil de ser anulado.

Conforme o exposto, é a primeira vez que o baralhado "aprimoramento técnico do Legislativo" atua, impossivelmente, como juiz...

Resta saber se o "zé povo" vai acreditar na máquina ou na eficiência da oratória dos candidatos. Mais detalhes, dia 15 de novembro... C.M.